

## Interpretar na mosca

Este livro de Heloisa Caldas é um desdobramento de sua tese de doutorado, orientada por Vera Lopes Besset e defendida no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2003. Neste prefácio, procurarei indicar como seu trabalho, embora desde o formato tese já fosse um livro, ajuda a esclarecer a diferença que existe entre uma tese e um livro.

No texto intitulado justamente “Prefácio a uma tese” (1969), Jacques Lacan afirmou que seus *Escritos* eram “impróprios para a tese, especialmente universitária”, uma vez que, “antitéticos por natureza”, não deixavam ao leitor outra alternativa além de “se deixar envolver ou largá-los de lado”. Em outros termos, a relação com o que ele produziu no âmbito da escrita é transferencial, ou seja, não se trata de algo alheio ao que Freud chamou de “economia libidinal”. Tal relevância da transferência, tomada em sua face positiva de um investimento (“se deixar envolver”) ou negativa de um abandono (“largar de lado”), mantém-se distante da recomendação universitária de uma postura crítica concernente à leitura e à produção de textos, na qual, muitas vezes, é preciso contornar a transferência; faz-se como se ela não existisse (ou não pudesse existir) ou, nos melhores casos, procura-se explicitá-la e colocá-la sob certo controle, para que o leitor, devidamente avisado, leve em conta o que pode ter influenciado aquele que escreveu um determinado trabalho.

O contorno universitário da transferência parece-me ter sido aludido por Lacan também no final de seu “Prefácio a uma tese”, quando nos oferece a instigante indicação de que os textos fiéis que o pilhavam, ainda que desdenhando de devolver a ele o que lhe era devido, estariam “interessados em transmitir literalmente” o que dissera, “como o âmbar que aprisiona a mosca, para não saber nada de seu vôo”. Extraio dessa segunda passagem o que me permite precisar a diferença entre tese (ou mesmo dissertação) e livro: a produção universitária, assolada por uma exigência de “transmissão literal” pautada em *Magister dixit*, é como o âmbar que, ao aprisionar a mosca, permite-nos estudá-la, conhecê-la, mas sempre – e não como deve ser um livro – ao preço de lhe sacrificar o vôo.

O âmbar conserva a mosca como a produção universitária conserva o saber dos mestres, mas esse processo de conservação, embora importante, não se separa do que Heloisa Caldas aborda, ao longo deste livro, em relação ao efeito mortificador das palavras sobre o gozo: há literalidade do que se propõe transmitir, mas a transmissão e mesmo o que se transmite quase sempre aparecem com pouca ou nenhuma vida. Um livro, todavia, comporta o que a autora destaca tanto nos termos da dimensão vivificante das palavras em relação ao gozo quanto na articulação entre saber e gozo. Assim, se as palavras podem também provocar gozo, se o “espaço literário” (para me referir, rapidamente, a uma expressão de Blanchot) pode ser abordado psicanaliticamente como um “campo de gozo”, e se um livro é passível de tramar um saber sem destituí-lo da dimensão da satisfação libidinal em jogo em qualquer produção – universitária ou não –, então quem escreve um livro poderá transmitir-nos algo da vida da mosca, e que se impõe no vôo dela, incluindo o que é da ordem não só do movimento, do deslocamento capaz de nos envolver, mas também do zumbido, do incômodo, do perigo de contaminação...

\*\*\*

Tem sido cada vez mais freqüente a produção de dissertações e teses universitárias consagradas ao que Lacan escreveu e falou. Nessa profusão, que procuro e sou convocado a acompanhar na medida do possível, como psicanalista e professor titular da Universidade FUMEC (Fundação Mineira de Educação e Cultura), este livro de Heloisa Caldas faz diferença. Primeiro, porque nele se declaram abertamente a transferência daquela que o escreveu: a orientação lacaniana, promovida pelo Campo freudiano e pela Associação Mundial de Psicanálise (AMP); o gosto pelas Letras, pela pesquisa e pela antecipação, já detectada por Freud, que os artistas muitas vezes fazem quanto às descobertas analíticas; e a escolha de um escritor, José Saramago, e, especialmente, de um de seus livros, *Todos os nomes*, entre os vários de sua já extensa produção literária. Segundo, porque nos é transmitido algo do vôo da mosca: este livro não se exime de abordar o que o exercício da escrita comporta de gozo e inclui, na análise do texto literário, o que sua autora depreende de sua própria prática como psicanalista.

Trata-se, pois, de um livro gerado no âmbito universitário e que procura extrair o que a Universidade pode oferecer de melhor: o apreço pelas fontes primárias, o exercício da pesquisa, o rigor conceitual. Mas trata-se também de um livro tomado pelo que pulsa de mais vivo na prática da psicanálise e na grande Conversação entabulada pelos analistas da AMP: os destinos do sintoma, o final de análise, a função da escrita, a dimensão opaca do gozo que exclui o sentido.

A abordagem psicanalítica da literatura sustentada por Heloisa Caldas, a partir da operação de *extração do objeto* (neste livro, o objeto voz) e do uso da noção lacaniana de *fallasser* (neologismo em que se aglutinam *ser* e *fala*), evita o psicologismo que toma a relação entre vida e obra segundo a perspectiva de uma “psicobiografia” ou mesmo uma “psicanálise do autor”. Ao mesmo tempo, permite-nos ir além do “deserto de gozo” almejado pelo

estruturalismo, haja vista que a crítica literária pautada por essa orientação praticava uma análise textual que devia se distanciar de toda menção àquele que escreve e assina uma obra. O interesse deste livro por José Saramago, ressalta Heloisa Caldas, não se separa da dedicação desse escritor à literatura, bem como a questões e temas contemporâneos. Por fim, ao se dedicar às proposições lacanianas sobre os enlaçamentos entre verdade e ficção, a obra que o leitor tem em mãos também se distancia de certa crítica literária “pós-moderna”, em que se tomam texto e autor como ficções alheias ao que se impõe como real.

Nesse viés, considero o trabalho de Heloísa Caldas *compagnon de route* do que procurei sustentar em *Os escritos fora de si*: na orientação lacianiana, trata-se de fazer valer a “morte do autor”, sem desconsiderar que o “desaparecimento elocutório do poeta” encontrado por Barthes, por exemplo, em Mallarmé se faz a partir do ato do poeta em ceder “a iniciativa às palavras”. A psicanálise contribui com os estudos literários porque sua prática nos desperta o interesse pelo ato efetivado por aquele que escreve, do qual uma obra pode se impor.

São vários os críticos literários que detectam e nos despertam o interesse pela voz (ou mesmo pelas vozes) em jogo na trama dos textos. É profícua a orientação de tal crítica que nos ensina a não tomar a voz, no singular ou no plural, como sendo necessariamente a voz do escritor. Portanto, já existe no âmbito dos estudos literários, e sem qualquer intervenção ou influência da psicanálise, sensibilidade quanto à dimensão imaterial (e até áfona) dessa voz. Todavia, como é possível aprender em *Da voz à escrita*, é a experiência analítica que pode legar aos estudos literários a concepção de voz como objeto da pulsão, resto de gozo opaco ao sentido, presença do corpo no próprio exercício da escrita.

\*\*\*

Em entrevista à Radio-Télévision Belge (RTB), realizada em dezembro de 1966, e que, em breve, deverá ser publicada no Brasil pela revista *Opção Lacaniana*, Lacan oferece-nos as seguintes diretrizes para percorrermos a interface literatura-psicanálise: “a escrita não imita o efeito do inconsciente” e “a obra não imita nada”. Tais diretrizes, pois, distanciam-nos da “psicologia do autor”, da “psicobiografia” e mesmo da tentativa de uma “psicanálise aplicada ao escritor ou à obra literária”. Ao mesmo tempo, de acordo com a psicanálise de orientação lacaniana, interpretar uma obra ou um escritor não é algo propriamente diferente da ação daquele que pratica a psicanálise: afinal, como Lacan designa nessa entrevista à RTB, a interpretação analítica visa fechar o furo de onde fluem, de maneira inesgotável, as significações. Por isso, continua ele, “a interpretação não tem que ser mais verdadeira do que falsa: ela tem de ser certa (*juste*)”. Acrescento, certa para deter – ao modo de um corte que paradoxalmente fecha (no sentido de interromper) – a infinitização das significações geradas ao longo de um texto ou a propósito de uma obra ou de um autor.

A publicação deste livro permite, então, que mais leitores possam tomar contato e fazer uso da interpretação certa realizada por Heloisa Caldas quanto a José Saramago, mas também a Freud, Lacan e mais alguns outros – sem qualquer sacrifício para o vôo da mosca.

Belo Horizonte, setembro de 2007

*Sérgio Laia*